

LITERATURA-MUNDO: PERSPECTIVAS EM PORTUGUÊS

Helena Carvalhão Buescu

Centro de Estudos Comparatistas – Universidade de Lisboa

Estas minhas observações e reflexões situam-se no âmbito do 6º Colóquio do PPRLB - "Portugal no Brasil: Pontes para o presente", que recentemente teve lugar no Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, no qual tive ocasião de apresentar o perfil e principais características de um projecto que coordeno, desde há cerca de um ano, no Centro de Estudos Comparatistas, intitulado "Literatura-Mundo. Perspectivas em Português".

Impõe-se, pois, uma primeira reflexão preliminar, para compreendermos em que medida tal projecto responde às "pontes" enunciadas na chamada para comunicações e no específico convite que me foi dirigido para nelas participar.

Uma "ponte" une dois sítios. Neste caso específico, trata-se de postular a ideia de ligações entre Portugal, por um lado, e o Brasil, por outro. Em que medida, pois, isto é uma realidade no projecto?

Responderei de forma eloquente desde o início: do ponto de vista português, trata-se de assumir o lugar de Portugal como simbólica e estrategicamente diferenciado. Na realidade, perspectivar a literatura-mundo a partir de um ponto de observação situado em Portugal é inevitavelmente compreender que é impossível falar de literatura portuguesa sem reconhecer as suas ligações umbilicais a uma série de outras literaturas que, por usarem também o português como língua de expressão literária, com ela encontram pontos de intersecção que devem ser reconhecidos e caracterizados de forma preferencial. E é ainda reconhecer que a situação histórica e geográfica de Portugal implica olhar também para a Europa e o seu passado como outros lugares que estabelecem pontes inevitáveis com a

literatura portuguesa. Serão estes, como veremos, os dois pontos de observação preferenciais que nortearão os volumes 1 e 2 da trilogia que de seguida apresentarei.

Do ponto de vista brasileiro, não será difícil reconhecer que o perfil desenhado para o volume 1 (Literatura-Mundo em Português) implica consequências semelhantes às aquelas que foram referidas para Portugal. Este primeiro volume das antologias, reunindo todas as diferentes literaturas escritas em português (Portugal, Brasil, Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, Goa, Timor e Macau), radica no gesto decisivo de um afastamento explícito de uma noção de lusofonia que é objecto de uma cada vez maior perplexidade conceptual. E sublinha a existência de uma família (ou parentela) que deve incluir Portugal ao lado de todos os outros países ditos lusófonos, encorajando que entre eles se estabeleçam prioridades de relação captáveis *quer pelas afinidades quer pelas diferenças* das várias tradições literárias. Mas um hipotético segundo volume, de uma perspectiva brasileira sobre a Literatura-Mundo, seria inevitavelmente diferente: e podemos imaginar quais os contributos inovadores e até entusiasmantes vindos de um volume que investigaria as pontes brasileiras, por exemplo, para toda a região da América Latina, que pode dizer-se corresponder à situação europeia de Portugal. Se tal viesse (ou vier) a acontecer, podemos começar a compreender o *mapeamento* apenas parcialmente coincidente de uma literatura-mundo em português que vai prosseguindo por formas de espraiamento diferenciadas: África para os PALOPs, Ásia para Goa, Timor e Macau.

De entre os três volumes que, pois, passarei brevemente a descrever, permitam-me que refira que não vou falar especificamente dos chamados Estudos de Tradução, no caso dos volumes 2 e 3, que sobre elas repousam. Falarei sim de *usos da tradução* no âmbito do projecto em que me encontro envolvida e que passarei brevemente a descrever.

Breve apresentação de Literatura-Mundo: Perspectivas em Português

Como disse acima, este projecto tem como objectivo principal (mas de forma alguma único) um conjunto de antologias, cuja breve caracterização passarei a enunciar.

1) Produção de uma trilogia de antologias: a unidade é aqui a trilogia, o que significa que elas não devem ser considerados objectos isolados mas, pelo contrário, objectos que entre si criam diversas pontes, escoradas, como disse, tanto na existência de diversos tipos de afinidade como no reconhecimento de diferenças que não são, de forma alguma, impeditivas de um diálogo, antes pelo contrário. Trata-se por isso de propor formas de complementaridade e também de diálogo diferentes, a partir do ângulo de observação,

que é o da trilogia que produzimos, “Portugal” e “em português”. Como já tive também ocasião de referir, este ângulo é apenas *um* de entre vários sob os quais a Literatura-Mundo em Português poderá ser equacionada. Estou convicta de que em breve haverá outros ângulos a acrescentar a este.

2) Em consequência, o facto de a unidade ser, não cada volume individualmente considerado, mas a trilogia é importante porque o ângulo de observação “Portugal”, sendo legítimo, implica efeitos corolários – e implica também alternativas, caso a perspectiva mudasse/mude.

3) Do ponto de vista da tradução, o primeiro volume diferencia-se dos dois restantes, visto não implicar traduções, mas textos escritos originalmente “em português”, provenientes de todas as diferentes expressões literárias que, em termos planetários (que é um termo rigoroso do comparatistas francês René Étiemble), encontramos manifestadas. A descrição do primeiro volume implicará, pois, que reconheçamos a forma como literaturas escritas em português na Europa, América do Sul, África e Ásia permitem oferecer uma alternativa credível a uma *World Literature* integralmente em inglês e dominada pelas opções do eixo Europa Central/Estados Unidos. Este primeiro volume defende a ideia de que o ângulo de observação “em português” é de consideração necessária para que se construa um conceito complexo, e por isso mais interessante, da Literatura-Mundo.

4) Os dois outros volumes são, como já acima referi, constituídos por Literaturas Europeias (vol. 2) e Literatura-Mundo propriamente dita (vol. 3). Ambos repousam sobre a prática da tradução. Mas na realidade os dois volumes implicam situações entre si muito diferentes, no que ao ângulo de observação português diz respeito. No caso do volume sobre *Literaturas Europeias*, uma percentagem significativa de textos foi já traduzida anteriormente (o que não quer dizer que *ipso facto* a tradução seja aceite). Trata-se, pois, de uma situação de conhecimento pelo menos parcial – embora com zonas de menor conhecimento, de que darei como exemplos as literaturas escandinavas ou as literaturas eslavas. Pelo contrário, o *volume 3* é predominantemente constituído por zonas de *desconhecimento* muitas vezes quase completo, com alguns pequenos exemplos de conhecimento (por exemplo, a tradução da poesia da dinastia T’ang). Há, entretanto, áreas em que o conhecimento e as traduções são grandes, como é o caso maior da literatura norte-americana.

5) Para todos os volumes, são assim essenciais os colaboradores, com sugestões e mesmo por vezes traduções, envolvendo comunidades académicas locais, em muitos casos bem longínquas de Lisboa, onde está sedado o projecto. Como?

Em primeiro lugar, mencione-se o estabelecimento de protocolo com o Instituto Camões, para utilização da rede de leitorados e centros culturais. Os leitores que responderam afirmativamente, e que se encontram já fortemente empenhados no envio de sugestões e, em muitos casos, traduções, são cerca de 70. Como disse, vários contribuem activamente com traduções em colaboração com as comunidades académicas das universidades em que trabalham. Dois exemplos de entre vários são os casos da Coreia do Sul e do Egipto, em que as traduções feitas representam o maior esforço de sempre no *dar a ler* de tradições literárias dessas regiões e alterarão por isso também o contexto em que poderá ser lida e analisada a literatura portuguesa actual (e em muitos casos menos actual também).

Outros protocolos incluem, por exemplo, a Unesco (já assinado) e o Plano Nacional de Leitura (em negociação), o que nos permitirá assegurar reconhecimento ao nível do Ensino Secundário. O patrocínio da Unesco representa para nós um elemento decisivo, por confirmar o interesse de escopo não resumido a Portugal de um tal projecto, cujas repercussões em muito ultrapassam a dimensão apenas nacional de uma literatura, no caso vertente a portuguesa.

Para além, como disse, das traduções feitas *ad hoc*, bem como da rede de leitores, algumas outras formas de colaboração devem aqui ser referidas, embora não venha agora a mencionar os nomes das pessoas que as representam, sobretudo porque são processos que não se encontram ainda encerrados. Algumas dessas formas de colaboração incluem, mas não se limitam a:

1) Levantamento e comparação de diferentes traduções existentes em português e publicadas em Portugal, com contributos preciosos de colegas da Universidade de Lisboa, vários de outros centros de investigação (por exemplo, membros do Centro de Estudos Anglísticos, ou do Centro de Estudos Clássicos) e de outras universidades, portuguesas e estrangeiras (Yale ou Campinas, por exemplo).

2) Contactos *ad hoc* com colegas portugueses especialistas em “zonas de obscuridade” para Portugal. Exemplo: as tradições literárias, orais e escritas, do Corno de África, com especialistas no ISCTE.

3) Preferência por traduções directas, se possível com “controle de qualidade” (através do selo dos especialistas e/ou da equipa).

4) Em casos em que não existam traduções directas, e seja impossível obter uma tradução *ad hoc*, e no caso de a equipa entender justificar-se a selecção efectuada, optaremos pela aceitação de traduções indirectas, com explícita menção, quando possível (exemplo *Gilgamesh*, Pedro Tamen).

5) Cada texto será acompanhado de uma breve nota crítica. As antologias 1 e 2 serão temáticas, a 3, cronológica (organizada em grandes períodos). As diferentes organizações internas dos três volumes reforçam a ideia de variabilidade e de complementaridade da trilogia como unidade fundamental do projecto.

Ponto da situação em Abril de 2012

Vol. 1 – digitalização concluída, selecção em fase avançada.

Vol. 2 – digitalização iniciada, selecção ainda na 1ª fase.

Vol. 3 – vários materiais recolhidos, ainda muitas faltas.

* Prevemos 3 volumes de cerca de 600 p. impressas (900 p. Word) cada.

*** Equipa (Centro de Estudos Comparatistas)**

Vol. 1. Inocência Mata, Clara Rowland, Helena Buescu, Flávia Ba (doutoranda).

Vol. 2. Cristina Ribeiro, Mª Graciete Silva, Helena Buescu.

Vol. 3. Helena Buescu, Rafael Martins (doutorando), Marta Pinto (doutoranda), Joana Moura (doutoranda).